

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	9.º ANNO—VOLUME IX—N.º 282	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE OUTUBRO 1886	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Extrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		



D. JOSÉ III, CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA (Segundo uma photographia de F. de Federicis, de Roma)

Por motivo de mudança das officinas onde este periodico é impresso, se demorou a publicação d'este numero, do que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

CHRONICA OCCIDENTAL

Cá temos o outomno com os seus dias de sol radiante, e com as suas noites de chuva torrencial, o outomno com os seus arremedos do verão que já lá vai, com os seus arremedos do inverno que bate á porta, o outomno a epocha em que os theatros se abrem, em que as arvores se despem, em que os phthisicos se enterram.

O cahir da folha, esse sinistro cahir da folha, que tem já uma tradição tragica que dia a dia se confirma, já este anno começou a sua lugubre tarefa, a sua desoladora colheita.

Um d'esses tristes condemnados que elle não deixou aquecer-se ainda este anno ao sol fugitivo do rapido verão de S. Martinho, foi um collega nosso, um d'esses valerosos trabalhadores da lucta quotidiana das letras, d'esses infatigaveis operarios do pensamento a quem a *lufa-lufa* de todos os dias não permite o serem artistas a valer como o seu talento os faria se lhes sobrasse tempo para trabalharem a valer as suas obras, para pensarem maduramente os seus trabalhos.

Luiz Quirino Chaves, que assim se chamou em vida aquelle cujo desaparecimento a chronica hoje regista, tinha poderosas faculdades para fazer brilhante caminho no mundo das letras, para deixar mais que um nome apreciado, para deixar um nome glorioso.

As suas estreias foram brilhantes e faziam antever um futuro triumphante, que as condições miseraveis do nosso meio litterario não o deixaram attingir.

Em vez de produzir bem, Quirino Chaves, logo no começo da sua carreira, e durante toda ella, foi obrigado a produzir muito.

Durante vinte annos espalhou elle ás mãos cheias, por toda a parte, por jornaes, livros, theatros, folhetins, noticiarios, revistas, chronicas, talento bastante para fazer uma solida reputação, se fosse condensado n'um ou dois trabalhos importantes, reflectivos, cinzelados com o cuidado minucioso, com o acabamento perfeitissimo que caracteriza as obras primas.

As necessidades da vida, os seus encargos de familia, a remuneração pouco farta que entre nós tem o trabalho litterario, não lhe permittiam porém o luxo d'artista de acariar por muito tempo uma obra d'arte, de não a profanar aos olhos do publico senão depois de ter posto toda a sua alma, toda a sua sciencia, todo o seu estudo, na realisação do seu ideal.

Forçado a trabalhar para viver, não podia trabalhar para a gloria: do seu trabalho é que elle tirava o pão para os seus filhos, e por isso tinha que trabalhar muito, tinha que trabalhar sempre, sem ter tempo para escolher assumpto, para pensar obras, para corrigir trabalhos.

E ainda assim depois d'esse labor incessante, Quirino Chaves chegou ao fim da vida, pobre como começára, conseguindo apenas arrancar a esse trabalho herculeo que lhe consumiu toda a sua existencia, o sufficiente — quando sufficiente era — para sustentar sua familia.

Por fim, em pouco tempo, a phthisica de larynge prostou-o no leito: veio o cahir da folha e levou-o para a cova.

Uma lembrança saudosa sobre o tumulo d'esse confrade que desapparece, d'esse homem de talento que tanto trabalhou, e que no fim de tudo não deixou nenhum trabalho, que possa dizer amanhã, com verdade, aquelles que o não conheciam, quanto valia aquelle espirito brilhante, que a morte hoje apagou.

Os negocios policiaes, isto é, a maneira de fazer policia continua a chamar agora a attenção do publico e oxalá que consiga atrahir as attensões dos homens que governam.

Um jornal do Porto publicou ha dias uma bem feita correspondencia de Lisboa acerca dos abusos da auctoridade que quotidianamente se praticam na capital para vergonha nossa, e que demonstram completamente a ignorancia absoluta em que está muita gente, a começar por algumas das principaes auctoridades, dos artigos mais liberaes da carta constitucional, d'esses artigos que tanto sangue custaram a conquistar para a garantia do cidadão e que todos os dias são espelhados para ahí brutalmente pelo primeiro cabo de policia a quem se lembram de pôr um treçado á cintura.

Tem carradas de razão o auctor d'esse excellente artigo: o assumpto é de alto interesse para

que se não deixe passar em silencio, é necessario que todos protestem em nome da justiça contra as arbitrariedades que para ahí se praticam quotidianamente como se se tratasse da coisa mais legal d'este mundo, afim de que os poderes publicos olhem uma vez a serio para estas coisas, e façam cohibir os abusos de auctoridade, que contra a letra expressa da lei, a toda a hora transformam Portugal n'um paiz de selvagens.

O *Diario de Noticias*, do dia em que escrevemos, por exemplo, traz uma noticia que, a ser verdadeira, tal qual é redigida, é tudo o que ha de mais extraordinario e assombroso nos annaes da policia portugueza.

É ainda acerca do celebre caso das parteiras, a tal noticia, que copiamos textualmente:

«Em vista de uma carta anonyma recebida pela auctoridade foi capturada ante-hontem uma parteira, moradora na rua das Freiras Sallessias, accusada de ter promovido abortos.»

Esta é pyramidal!

A carta anonyma, essa arma vil e infame, que em toda a parte é repellida como uma cobardia ignobil, faz fé; segundo esta noticia, perante a policia portugueza.

Em vista d'uma carta anonyma, prende-se uma mulher pelas denuncias, sem assignatura nem responsabilidade, que n'ella se lhe fazem!

Se isto é assim, se uma carta anonyma tem as honras de accusação formada, se uma denuncia qualquer, sem auctor nem garantia é o bastante para metter uma pessoa nos calaboiços do governo civil, digam-me quem está livre de mais dia menos dia ir parar a esses calaboiços, accusados dos mais nefandos crimes: digam-me para que servem esses artigos que ha na constituição para salvaguardar as garantias individuais, se até nem as põe a coberto de todo, o que ha de mais vil no mundo, uma denuncia anonyma!

Pode ser que na redacção da noticia haja qualquer coisa que a desfigure, e queremos crer que assim seja porque custa-nos muito a acreditar, que no fim do seculo XIX, em Portugal uma carta anonyma seja o bastante para que se prive uma pessoa da sua liberdade, mas se effectivamente a coisa é assim, então pedimos para ella a mais rigorosa attenção das auctoridades superiores, exigimos que se tire bem a limpo todo esse caso, vergonhoso e indigno d'um povo que se presa.

A vida theatral começou já em Lisboa e diga-se em abono da verdade que começou muito bem.

O theatro da Trindade apresentou a sua primeira peça da presente epocha e essa peça foi um successo.

Chama-se *Gillette de Narbonne*; o poema é de Chivot e Duru, dois dos mais engraçados librettistas actuaes de opera comica, e a musica é d'Audran, o feliz maestro da *Mascotte*.

O Porto já tinha ouvido e applaudido esta peça que ha annos se deu com successo em Paris, Lisboa ouviu e applaudiu agora, e applaudiu-a com razão porque se a *Gillette de Narbonne* não é nem como poema nem como musica uma obra prima, é todavia uma operetta muito interessante que se ouve com agrado e que tem na Trindade um desempenho excellente, magnifico por parte da actriz Josepha d'Oliveira e do actor Leoni.

A idéa do libretto da peça é tirada d'um conto do celebre Boccacio, um conto intitulado *Uma mulher corajosa*, cuja protagonista se chama Gillette e é de Narbonne, nome e naturalidade que lhe conservaram os librettistas francezes.

Não é a primeira vez que esse conto é aproveitado para o theatro, é já a quinta ou sexta vez e foi elle que inspirou a Shakspeare a sua deliciosa peça *Tudo é bem o que bem acaba*, e esta frequencia com que varios auctores dramaticos, a começar pelo grande poeta inglez, tem recorrido ao conto de Boccacio, prova á evidencia que a idéa d'esse conto é theatral e interessante.

E não obstante é simples como tudo o que ha de mais simples.

Gillette é uma pobre camponia que consegue com um philtro, cujo segredo herdou de seu pae, salvar o rei d'uma doença que a medicina déra por incuravel. O rei promettera fazer-lhe o que ella lhe pedisse no caso de o curar. «Quero casar com o conde de Lignolle», diz-lhe ella.

Este conde porém que a requestára com ardentest protestos d'amor, mas que nem por sonhos pensava em casar com uma labrega, casa, em obediencia ao rei, mas depois, logo ao sahir da igreja, parte para a guerra deixando a sua esposa, que nunca o fôra, uma carta em que lhe diz com pungente ironia que ella só será sua mulher realmente no dia em que lhe apresentar um anel que elle traz no dedo, e um filho fructo do seu amor.

Gillette é uma mulher corajosa e não desanima; parte a juntar-se a seu marido, sob um disfarce

masculino: apresenta-se-lhe como seu cunhado, faz-se seu confidente e n'uma entrevista amorosa que o conde tem uma noite com uma italiana, substitue-se a esta, sem elle saber e d'alli a nove mezes apresenta-lhe o anel. . . e o filho do seu amor, como o conde na sua carta exigia.

A musica tem numeros bonitos, e mesmo em França teria maior exito, se o successo colossal da *Mascotte* lhe não fizesse mal, a não esmagasse, como é vulgar em theatro ás obras de qualquer auctor que succedem aos exitos extraordinarios.

A traducção do poema é do novo ensaiador da Trindade, o sr. Moutinho de Sousa, que é um homem de letras distincto, um espirito muito culto e illustrado, uma capacidade theatral de 1.^a ordem.

A traducção é feita com graça, e com esmero ensaiada a peça, sendo para notar os extraordinarios progressos feitos por Josepha d'Oliveira na sua maneira de dizer, uma verdadeira transformação no seu jogo scenico, que deveras nos surpreendeu e nos alegrou, porque não são tantas as nossas boas actrizes que não nos alegremos quando vimos alguma encetar briosamente esse difficil e pouco frequentado caminho.

O theatro do Gymnasio teve tambem o seu grande successo com uma peça em tres actos imitada do italiano por Pinheiro Chagas com o titulo de *A mulher do proximo*.

Não é facil contar esses tres actos, todos elles cheios de peripecias engraçadissimas, de quipros desopilantes, que mantem o publico em permanente hilariedade.

A comedia muito bem marcada por Leopoldo de Carvalho, e tem que marcar como o demonio, é *enlevée* com muito chiste por todos os artistas que vão tão bem, tão bem nos seus papeis, que não é facil, nem seria justo marcar primasias.

E agora estão a chegar do Brazil as companhias do theatro de D. Maria e do Principe Real, cheios de gloria e de libras: a companhia de S. Carlos já cá está em parte, e o resto espera-se por estes dias, pois no dia 28 é abertura da epocha lyrica: entramos portanto na plena estação theatral, estação que se annuncia muito animada e brilhante.

Assim seja.

Gervasio Lobato.

D. JOSÉ III

Cardenal Patriarcha de Lisboa

José Sebastião Netto, nasceu no Algarve, na cidade de Lagos, no dia 20 de janeiro de 1841. Filho legitimo de Raymundo José Netto e de D. Catharina Lucia d'Almeida Netto, fallecida em Lisboa a 11 de dezembro de 1883.

Mostrando desde a sua infancia o mais decidido e piedoso fervor pela caridade e pela igreja, e desejando seguir a vida ecclesiastica, seus paes consentiram que elle fosse cursar os estudos preparatorios e ecclesiasticos no Seminario de S. José da cidade de Faro, no anno de 1855, o que fez com notavel aproveitamento, tendo merecido nos exames do curso trienal theologico, no primeiro d'estes, premio, e no segundo e terceiro, accessit.

Foi ordenado de prima tonsura e menores em 25 de maio de 1861; de subdiacono em 20 de dezembro de 1862; de diacono em 30 de maio de 1863; e de presbytero em 1 de abril de 1865, pelo ex.^{mo} sr. D. Ignacio, então bispo do Algarve, depois patriarcha de Lisboa, e de quem o novo sacerdote foi seu famulo.

Em 17 de agosto de 1865, reconhecendo o sr. D. Ignacio que o novo levita estava bem apto para servir a igreja, dignou-se nomeal-o para o cargo de ajudador da freguezia de Boliquireme, em que serviu com todo o zelo que o seu caracter de exemplar sacerdote lhe permittia, até 1873, e por ter, com notavel capacidade, exercido este cargo, foi nomeado parochio encomendado da mesma freguezia, cargo que exerceu com o mesmo zelo até 1875, em que entrou no convento do Varatojo a 15 de agosto.

O grande desejo que o joven presbytero possuia pela vida monastica foi o que motivou a sua reiterada insistencia com o seu prelado para que o substituisse n'aquelle cargo, o que a afinal conseguiu, passando para aquelle convento de franciscanos que tão ardentemente desejava.

Parece que a Providencia lhe estava segredando qual o futuro que mais tarde lhe estava reservado por isso que, estando em missão tempo depois na freguezia de S. Izidoro, proximo a Mafra, lhe foi, com grande admiração e magua sua, participada a nomeação para bispo de Angola e Congo, tendo de sair do seu retiro em 27 de setembro de 1879, depois de confirmada pela Santa Sé

Panduranga, derivado de Pandharpur, aonde o deus Panduranga é adorado por toda a gentildade do Indústão, que para ali vae em romaria duas vezes por anno — em julho e novembro. Este pagode de Panduranga, em Carapur, onde se não fazem essas romarias, tem comtudo algumas festividades annuaes, que são feitas a expensas dos ranes, concorrendo tambem os bazareiros de Sanquelin com a sua quota, como para a *Cheitripunan*, ou procissão do *Rôto*, que é feita de noite, e se vê no desenho do pagode de que se trata.

«Não possui este pagode donativos em dinheiro, como os principaes da nossa India, e é o unico que não tem por sua conta *bazantery's* ou musicos, nem bailadeiras, não obstante existirem na sua vizinhança algumas familias d'estas, que são sustentadas pelos ranes.

«O carro denominado *Rôto* ou *Rotti* — *Jatra* é igual, como se vê no desenho, guardadas as devidas proporções, aos de Jaggathnata ou Djaghnat na cidade de Pury. Os carros mais notaveis que vimos na nossa India, além do de Vitholapur,

são os de Partagal, em Canácona, o de Chandrenat ao sueste de Salcete, e o de Quiolá em Pondá. São todos de madeira cheia de labores caprichosos, e repugnantes esculpturas.»

Por hoje limitamo-nos a esta pequena amostra da *India Portuguesa*, esperando termos ainda occasião de voltarmos ao assumpto, devassando mais uma vez este precioso livro com a reprodução de alguns idolos, de uma curiosidade extrema, e que melhor completam o que hoje publicamos.

C. A.

Uma visita ao Limoeiro

VI

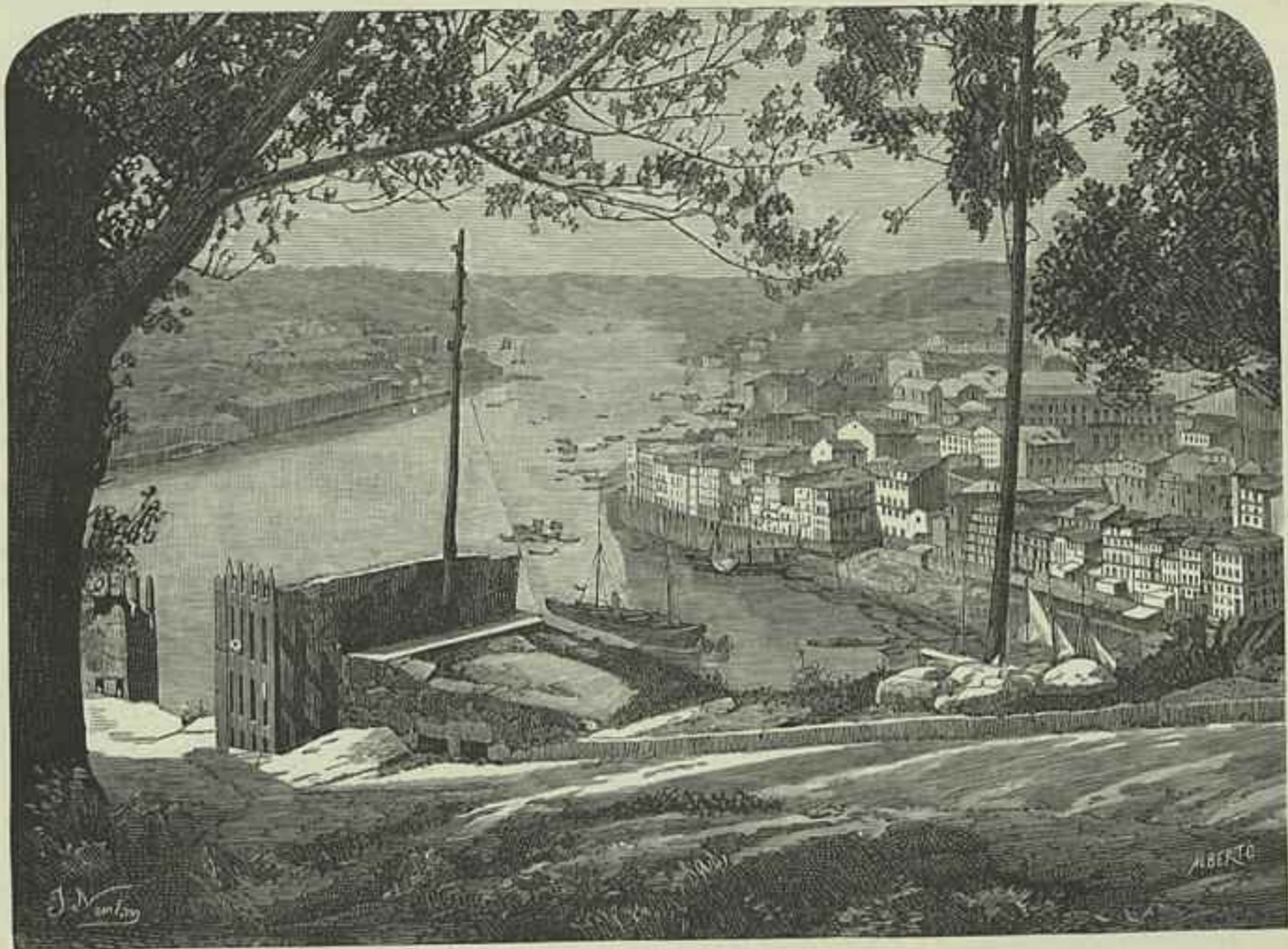
Junto da sala n.º 1 está a officina de carpinteiros, onde os presos que trabalham por este officio fazem obras de carpinteria ligeira, e tão ligeira que bem se poderá dizer que essas obras teem a vida

das rosas, tal é a sua construcção ou solidez, apesar de durarem um pouco mais que o dinheiro que por ellas recebem os seus fabricantes, o qual, pela sua exiguidade, lhes deve desaparecer das mãos rapidamente.

Nada mais barato que aquelles productos, mas tambem nada a que melhor caiba o dizer-se *armadinho á franceza*, com respeito á solidez, que não á elegancia, coisa inteiramente desconhecida em semelhantes artefactos.

Mezas e bancos de pinho, tabuas de engommar com cavalletes, pás para lixo, tabuas para ensaboar e outras com cacifo para areiar talheres, são em geral os productos d'aquella officina, onde se trabalha pelos mesmos processos e nas mesmas condições economicas a que já nos referimos quando tratámos da officina do pateo.

A officina dos carpinteiros só differe da officina do pateo em ter menos luz, visto que é dentro de casa, e em ser mais acanhada, pois consta apenas de uma casa não muito grande, com pouca luz de duas janellas que tem no fundo, e muito atravan-



UMA VISTA DO PORTO, TIRADA DA SERRA DO PILAR (Segundo uma photographia de E. Biel)

cada de tabuas e obras feitas, tendo apenas uns seis bancos de carpinteiro.

A hora a que alli estivemos era a do jantar, e por isso na officina apenas estavam dois ou tres presos trabalhando; os outros comiam lá fora, no corredor, as suas parcas refeições, que umas pobres mulheres lhes levavam n'uns cabazinhos.

N'essa occasião fomos nós muito agradavelmente cumprimentados por um pobre homem com ares de muito boa pessoa, e que nos tirou o seu barretinho muito humildemente, humildade nos modos e na feição verdadeiramente captivante.

O guarda que nos acompanhava tocou no braço de Christino, e segredou-lhe ao ouvido breves palavras, que Christino por sua vez me transmittiu baixinho:

- O *Faca de matto!*
- Onde está? perguntei cheio de curiosidade.
- É aquelle, disse me apontando.
- Qual?
- O que nos cumprimentou.

Era a segunda vez que me enganava com as apparencias; o *Faca de matto* era o tal sujeitinho das cortezias humildes!

Mas estava-nos ainda preparada outra surpresa que excedia toda a nossa expectativa.

Foi o caso na sala n.º 2, onde entrámos só a porta, porque a prisão nada offerecia de particular em relação ás outras que já tinhamos visto.

N'esta sala os presos formaram todos em fileira de dois de fundo á voz do juiz da cadeia, sujeito tambem com muito bons ares, que avançou para nós convidando-nos a vermos a prisão, e mostrando-nos os seus pupillos, que se apresentavam com a mais modesta compostura.

Nós já nos não illudiamos com aquellas apparencias de boas pessoas; mas, apesar d'isso, causou-nos profunda impressão uma coisa que vimos sahir d'entre a fileira dos presos, arrastando-se pelo chão, e que á primeira vista não podemos reconhecer por um homem, tal era a monstruosidade da sua figura e das suas feições.

Pois essa figura era effectivamente um homem, e por ser homem é que estava alli.

O nosso primeiro movimento foi perguntar ao guarda se aquillo tambem era preso, porque mal podiamos comprehender que um ser tão imperfeito, mais apto para apanhar pontapés até de uma

creança, podesse ter feito coisa de mal que o levasse á cadeia.

Pois tinha.

— E preso, confirmou o guarda, e condemnado por toda a vida por homicidio voluntario.

Esta declaração pareceu-nos ao principio graça, porque um homem que se arrastava nas mãos, sem movimento nas pequenas pernas rachiticas e torcidas, não poderia decerto matar outro, nem voluntaria nem involuntariamente, a menos que não cahisse de um telhado em cima d'elle, como gato esbaforido; e por isso repisámos as nossas palavras desconfiadamente.

— É possivel isso?

— É possivel isto, e o mais que lhes vou contar, asseverou-nos o guarda.

Nunca nos mordeu tanto a curiosidade.

O guarda continuou:

— Esse homenzinho que os senhores vêem matou um homem com um tiro de espingarda.

— O quê! exclamei eu e Christino a um tempo. Como foi que elle se poudo servir da espingarda, maneja a...?

— Muito simplesmente. A espingarda deu-lh'a

A INDIA PORTUGUEZA



ZAFRA, EM AMONÁ



BORDY OU VOLTA DA CAÇADA



FESTAS GENTÍLICAS

(Desenhos do natural pelo artista amador sr. Lopes Mendes)

GREITHIPONAS OU PROCISSÃO DO RÔTO, EM VITHOLAPUR

carregada, uma mulher, e elle, collocado atraz de uma moita, esperou a victima, e desfechou contra ella quando a apanhou ao alcance da arma.

— Mas n'esse caso foi um cumplice.

— E auctor tambem, porque a mulher que lhe forneceu a espingarda era casada com a victima e amante d'aquelle monstro.

Nos embacamos com a revelação d'este pequeno romance tragico, cujo auctor estava na nossa presença, com toda a hediondez da sua figura miseravel e da sua cabeça de microcephalo, negação positiva de um ser racional, nem animal nem gente, e que entretanto desvairara uma mulher a ponto de o preferir a um homem!

Depois d'isto, não ha petas possiveis em romances de Ponson, e nós, que desdenhávamos a sua leitura, aqui nos penitenciamos.

É evidente que o amor é o mais fecundo romancista do mundo, desde o singello idyllio de dois corações que se amam como pombos, até á mais bestial affeição de dois seres que se amam como feras, desprezando todas as leis humanas e divinas, e não hesitando ante o crime.

O que acabavamos de saber era a prova mais eloquente de quantas aberrações se amnam no seio do amor; e d'esta vez Cupido encarnara-se n'aquella figura sevandija, e de tal modo, que na cadeia chamam ao preso em questão o *Cupidinho*, e mostram-no como *avis rara*, do que elle parece não desgostar, principalmente na presença de mulheres, para quem elle se ri maliciosamente, fazendo caretas comicamente hediondas.

E digam-nos se não cabe aqui aquella phrase estafada:

Ah! mulheres! incomprehensíveis mulheres!

(Continúa)

Caetano Alberto.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XX

O torpedeiro submarino *peacemaker* — A psychologia da musica segundo Leveque — Influencia do som articulado para a interpretação do som musical e d'este pelo outro — Percepção musical — Associação do som articulado e articulado — Exemplos — A musica dos bailados.

A nossa gravura representa o monitor *peacemaker* ou *pacificador*, inventado por J. H. Tuck, quasi a realisação do *nautilus* de Julio Verne. Tem 9,15 metros de comprimento, 2,68 metros de largura e 1,83 metro de altura. Tem nos costados uma certa quantidade de chumbo, cujo peso está calculado mathematicamente para que o barco se possa manter fluctuando. Apparelhos especiaes introduzem a agua em determinados compartimentos com o fim de fazerem mergulhar o barco á profundidade que se deseja. Em caso de demora debaixo de agua os depositos de ar comprimido fornecem meio de renovar a atmospheria no interior. A tripulação consta de dois homens: o capitão e o machinista.

Um timão ordinario faz com que se mova horizontalmente, enquanto um duplo timão serve para o movimento vertical e obliquo, subindo ou baixando á vontade de quem o dirige.

O barco é oval, como se vê na nossa gravura que representa este torpedeiro submarino no acto de submergir-se no oceano. Na parte superior tem um zimborio de 30 centímetros de altura por 35 de diametro, aberto em frestas fechadas por grossas laminas de vidro, que se abrem por dentro e no qual observa de atalaia o capitão. O machinismo funciona por meio de gaz comprimido na pressão de 100 libras.

A manobra do *peacemaker* é a seguinte. Passando por baixo do casco de um navio inimigo, faz sahir um tubo lança-torpedos carregado com dois cartuchos explosivos, os quaes vão unidos entre si por meio de um fio de aço e em comunicação com o torpedeiro por um fio electrico. Os cartuchos tem fluctuadores de cortiça para que subam á superficie e se adaptem ao costado do navio. Conseguida esta operação, o torpedeiro retira-se a distancia conveniente e por meio do fio de comunicação, fazendo-lhe passar a corrente electrica, determina a explosão.

Em New York fizeram-se muitas experiencias. O *peacemaker* com os dois homens a bordo permaneceu debaixo de agua cerca de 7 minutos a uma profundidade de 40 pés, e correu velozmente em todas as direcções, subindo e descendo com a maior facilidade, e passando por baixo da quilha de varios navios. A velocidade média do barco é de 12 milhas por hora. O nome de *pacificador* allude a acabarem-se por este meio com as grandes esquadras couraçadas.

Vê-se pois que a navegação submarina está quasi resolvida. Que enormes descobertas para a sciencia não virá ella trazer e que abundante colheita de novos exemplares nos dará o fundo do Oceano explorado por esse meio!

— Segundo Leveque, que n'estes ultimos tempos se tem occupado da *psychologia-musical* — o poder expressivo da musica instrumental fica sempre inferior á determinação da linguagem falada. Era esta tambem a opinião de Beethoven. Conta-se que um poeta traduzira em versos magnificos as suas symphonias e sonatas, julgando haver expressado o pensamento do maestro. Este, porém, grandemente indignado, declarou que nunca pensara compondo a musica no que o poeta escrevera e que a musica não podia ser interpretada pela linguagem falada.

É ao canto, segundo Leveque, que compete instruir o ouvinte. Basta uma palavra; mas é por meio d'essa palavra que a imaginação musical explica ou interpreta os signaes musicaes. Sem essa palavra ou palavras os signaes ficariam muito vagos.

A imaginação auditiva ou memoria dos sons é a faculdade de conservar as imagens sonoras e de as reproduzir mentalmente. Essa imaginação, commum ao homem e aos animais não é mais do que a memoria. Ainda assim a palavra imaginação parece querer exprimir alguma combinação ou addição feita pelo sujeito que se lembra.

Nenhuma outra percepção tem mais necessidade da memoria do que a percepção musical. Perceber no mesmo instante uma phrase musical, é ao mesmo tempo *conhecer e lembrar-se*, em consequencia de cada um dos sons da phrase passar para dar logar ao seguinte, e por isso persistindo aquelle sómente na memoria. Para bem perceber qualquer phrase é pois necessario que a memoria musical, ainda a mais exercida, seja attenta, isto é voluntaria.

A associação que serve da base á memoria musical, fundamento de toda a musica, é a do som articulado — palavra — com o som inarticulado — canto da palavra. A palavra é o som phonetico; o canto da palavra é o som musical ou *tom*, com todos os seus elementos.

O som articulado e o som inarticulado completam-se um ao outro. Se o ouvinte ouve algum d'elles procura o outro e, senão o acha, imagina-o. Eis alguns exemplos d'essa associação e que nós extractamos do *conte-rendu da Academia das sciencias moraes e politicas*, de Paris.

Para ameaçar o filho ou por lhe prometter uma recompensa a mãe não fala no mesmo tom. No primeiro caso ella põe, eleva, e abaixa a voz de um certo modo; pronuncia a phrase dividindo-a, ferindo-a, repetindo-a, suspendendo-a e voltando a ella de certo modo. Intoação, lentidão, compasso quasi batido por syllabas apoiadas, rythmo pelas pausas e repetições quasi symetricas, todos os signos musicaes serão caracteristicos das palavras ou signaes phoneticos expressivos da ameaça.

No segundo caso se a mãe amima a creança e lhe faz promessas agradaveis, tonalidade, andamento compasso, rythmo bem marcado, tudo difere do canto da palavra do primeiro caso, como a promessa acariciadora pode differir d' terrivel ameaça. Para melhor comprehender esta theoria basta pronunciar estas duas phrases: — Obedece ou castigo-te! Sim! levas pancada! — Como tens estado quieto vaes hoje ao theatro. Serão, como se diz, duas canções differentes.

N'um e n'outro caso a mãe terá encontrado instinctivamente a palavra do pensamento e o canto exacto d'essa palavra, porque esses dois elementos se attrahem naturalmente, porque essas palavras tem necessidade de toda a sua expressão para produzirem o effeito. Imagine-se a ameaça dita com o tom de promessa agradável; n'este caso a creança não teria medo.

Imagine-se agora uma creança, que ouve uma voz ralhando ameaçadora n'um quarto contiguo, sem que se lhe percebam as palavras. A creança pode interpretar de muitos modos o canto d'essa voz, todavia não tem nenhuma razão sufficiente para adoptar tal ou tal interpretação.

Na opera um auctor canta perfeitamente e não perdendo uma palavra o ouvinte nada tem a interpretar. Se, porém, não poude perceber muitas das phrases, nem por isso deixará de comprehender. Por pouco que tenha visto e ouvido restabelecerá por indução o que os seus ouvidos não apprehenderam. E em que se funda essa indução? Sobre o canto musical com o seu caracter, sobre algumas palavras que explicam esse canto e algumas tanto explicadas por elle e algumas vezes tambem sobre algumas sonoridades da orchestra, além dos olhos que tambem forneceram uma boa parte de informações.

Nos bailados falta a linguagem articulada. Para alguns espectadores um bailado é apenas um espectáculo destinado a regalar os olhos pelas danças ligeiras, posturas graciosas, reguladas e acompanhadas de musica. Para outros é, porém, um drama com personagens mudos. Mas como o comprehendem? Pelo libreto ou então conhecendo apenas o titulo, estarão no mesmo caso do ouvinte de uma opera mal cantada ou cantada em lingua desconhecida. Por consequente ser-lhes-ha necessario interpretar o drama pelo que vêem e comprehenderem a musica pelo espectáculo. Ora para que essa musica sem palavras os interesse é necessario que elles mentalmente lhe introduzam palavras por meio de um libreto que a sua imaginação formará ao passo que a peça se lhes desenvolve ante os olhos. Essa interpretação é trabalho cuja fadiga altera o prazer musical. O libreto estudado com antecedencia poupa ao ouvinte uma perda de gozo esthetico. Para um amator exercitado basta-lhe um summario, para comprehender as bellezas musicaes. Tanto mais intelligente e musicalmente cultivado será o ouvinte, tanto mais extenso e desenvolvido deverá ser o summario, mas por breve e curto que seja esse summario, a imaginação interpretativa encontrará n'elle um apoio. — Porque é que as repetidas audições podem produzir o mesmo effeito que um summario?

Porque ellas explicam gradualmente o que era obscuro e fazem as vezes de um summario ou de um libreto pouco a pouco inventado pelo espirito do assistente.

João de Mendonça.

A expedição ao Muata Yanvo

(Continuado do n.º 281)

Foi a 11 de outubro que chegaram ao *Cahungula*. Este já tinha mostrado a sua adhesão ao Muata-Quibunsa (D. Sebastião) e agora ficaram certos de que era verdadeira, pelas distincções que lhe prestou, o que é importante.

Apenas chegada a expedição, e acampada, tratou o chefe de obter do potentado a cedencia de algum territorio para a fundação e assento de uma Estação.

Cahungula não poz difficuldade alguma. Escolheu-se o terreno, demarcou-se, e sem demora começou a construcção.

O terreno escolhido mede uma area de 700m² aproximadamente. O edificio consta de um pavimento, é sobremontado por um frontão, ao meio do qual assentam as armas de Portugal, descendo da corôa ao longo das empenas duas listas onde se lê: *Luciano Cordeiro* e por debaixo da corôa Estação. Em frente da casa ha uma praça ladeada de largas ruas que vão unir-se á estrada que se abriu para a *Quipanga*, residencia de *Cahungula*, na extensão de 700 metros e que ficou denominada — *Estrada de D. Luiz I.* A frente da estação abriu-se outra no rumo d'oeste que vae ao *Masai*, confluente do *Liôrca*, onde ha uma ponte *manhosa*, que tambem houve intenções de substituir; chama-se a estrada de *D. Maria II*, e tem de extensão 1:500.

Largo, ruas e estradas foi tudo arborisado, tendo sido plantadas mil e seis centas arvores de *mulamba* (incendeira em Angola) especie de figueira de grande empulencia e rapido crescimento.

Com tanto afan se trabalhou que aos 31 de outubro, para solemnisar os annos de S. M. El-Rei, o Senhor D. Luiz, foi inaugurada a estação e uma escola de que logo fallaremos. Essa data foi tambem inscripta no frontespicio da estação.

Primeiro havia-se obtido, como se disse, auctorisación para a escolha do terreno, e depois alcançou-se a cedencia d'elle para Portugal, de que, n'esse dia, se celebrou o respectivo auto.

Para solemnisar estes tres factos: os annos de el-rei, a inauguração da Estação e a da Escola empregaram-se os meios que se podiam empregar no meio dos sertões de Africa.

Tres cornetas e tres tambores, devidamente ensaiados, tocaram ao romper da manhã uma alvorada floreada, o que animou e alegrou muito o gentio. Rompeu a alvorada na frente da Estação, d'alli seguiram para a residencia de Quibunsa, Muata Yanvo, á frente da qual repetiram o toque, e o mesmo fizeram na frente da *Quipanga* do *Cahungula*. Voltaram depois á frente da Estação, onde tocaram uma marcha, em andamento grave, em quanto, no grande mastro, devidamente preparado, era içada a bandeira portugueza. Quando os cornetas paravam, tocava uma harmonica varias peças de musica, entre as quaes o hymno nacional, o de el-rei e outros.

Firmada no grande mastro a bandeira nacional,

Gusmão dizia que se poderia, com o seu invento, percorrer 100 ou mais leguas por hora. O peor são os accidentes. E encontrará o aeronauta as taes quinze pessoas?

REGATA. Verificou-se no dia 12 do mez passado no Porto uma luzida regata promovida pelo Real Club Fluvial Portuense.

BUSSACO. Realizou-se no dia 25 de setembro ultimo a festa commemorativa da batalha ganha alli contra o exercito francez. Uma força de artilheria deu as salvas do estylo, e celebrou na cerimonia religiosa o sr. bispo-conde.

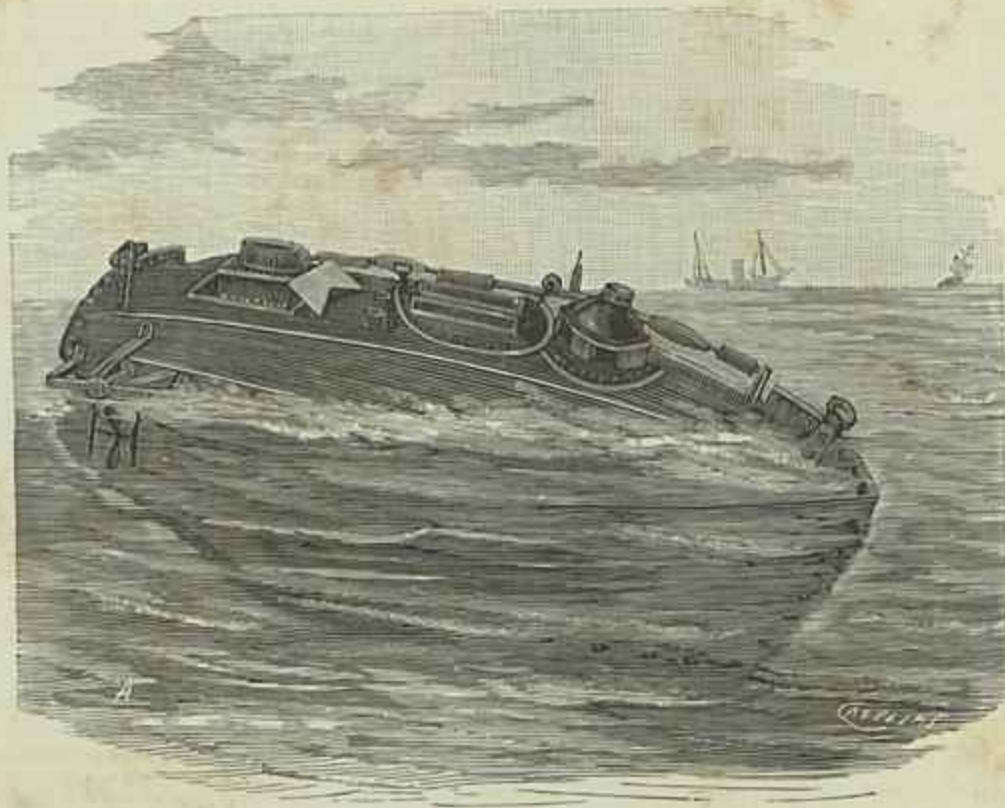
QUADRO DE RUBENS. Um quadro d'este auctor, que existe no côro da igreja de Jesus, e a que por vezes nos temos referido n'esta resenha, vae finalmente ser removido para o Museu Nacional de Bellas Artes, devendo realisar-se a entrega no dia 24 do corrente.

UM QUADRO DE RAPHAEL. Consta a um jornal francez que foi encontrado em Hières o quadro original de Raphael, que representa a Virgem do Loreto.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL. Tanto o ministerio da Agricultura, como a commissão agrária de Roma (Italia) se estão presentemente occupando de assentar nas bases convenientes para se effectuar n'aquella capital um concurso — exposição internacional relativo á creação e melhoramento das aves domesticas, com o fim de aclimar em Italia esta industria, que era muito descurada, e tem ultimamente tomado alli grande incremento, attentos os descobrimentos e bons resultados que produz no estrangeiro.

A LEI DOS PRIVILEGIOS DE INVENÇÃO NA SUÍSSA. Não existe na Suíssa lei relativa a este assumpto; já por duas vezes, em diversas epochas, se haviam apresentado ao conselho federal propostas para uma lei semelhante, mas fôra de ambas as vezes rejeitada pelo povo suíço. Em 1882 o conselho nacional a havia votado por maioria, mas ficou tudo na mesma. De novo foi agora apresentada a proposta de lei, e apesar de grande opposição, foi admittida por 76 votos contra 45. Opinam os suíços que a industria nacional prospera sem esses privilegios, emquanto a decadencia da industria franceza é devida á protecção dos inventos. O conselheiro Droz protestou contra a theoria da pirataria industrial, acrescentando que a honra suíça se acha empenhada com os Estados da União; os adversarios, porem, contestavam-lhe alegando que a instituição dos privilegios, se considera como um monopolio, a favor dos fundos industriaes. Diz um periodico, que com esta resistencia julgam os suíços persuadir ao mundo que a razão está do seu lado; mas a verdade é que, apesar da variedade dos seus productos, a Suíssa não lhes dá consumo, e tem precisão dos paizes estrangeiros, não só para lh'os receber, mas para acceitar a sua grande emigração; e alem d'isso que tenham ou não tenham elles a lei dos privilegios de invenção, como não pode a nação consumir os seus productos, e as outras nações lh'os não poderão acceitar, porque lh'os vedam n'aquellas leis protectoras, chegarão, como já tem chegado, ao extremo de comprar os privilegios aos inventores estrangeiros para poderem fabricar.

PAPEL PERGAMINHO. O sr. O. Koletzki, director de uma fabrica de papel na Russia, acaba de descobrir o meio de fazer um papel pergaminho que indubitavelmente será de grande utilidade para impressões de luxo. Este papel, que se obtem pela acção do acido sulphurico sobre papel de algodão sem colla, tem muitas vantagens sobre o verdadeiro pergaminho. Em primeiro lugar pode-se fabricar do tamanho que se deseje. A sua transparencia e côr é perfeitamente a mesma que a do pergaminho, com quanto a sua flexibilidade e consistencia seja algo inferior. Mas em compensação o papel pergaminho toma com facilidade as cores da anilina, e pôde empregar-se na fabricação de



O NOVO TORPEDEIRO AMERICANO DE MR. TUCK — Vid. artigo "Actualidades Scientificas,"

flores, capas de livros e outros usos semelhantes. Já conheciamos uma especie de papel pergaminho, o qual, ao que parece, não tem todas as importantes qualidades d'este.

COLONIA SÁ DA BANDEIRA. Segundo informações de Angola é muito prospero o estado da colonia d'esta denominação, fundada nas proximidades de Mossamedes. Diz-se que os colonos vivem muito satisfeitos e que os trabalhos agricolas tem dado resultados vantajosos. Como se sabe Mossamedes é o melhor clima da Africa Portugueza.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Estudos eborenses. Sob este titulo geral tem o infatigavel trabalhador e illustrado archeologo o sr. Gabriel Pereira publicado uma serie de pequenas e faceis monographias relativas a assumptos que se ligam estreitamente á cidade de Evora. Temos presentes dois desses. Refere-se o primeiro á *Bibliotheca publica*, consta de 32 pag. de 8.º francez e é impresso na *Minerva eborense*, no corrente anno. E' conhecida de todos a importancia d'aquella vasto deposito litterario, a cujas riquezas, accumuladas com mão diligente por um sabio prelado o arcebispo D. Fr. Manuel do Cenaculo, se tem vindo juntar outras de varias procedencias. As muitas preciosidades que encerra a colleção dos seus manuscritos podem ser percebidas pelo catalogo começado pelo illustre Cunha Rivara e continuado pelo sr. Telles de Mattos. O sr. Gabriel Pereira descreve rapidamente o edificio, traça as suas linhas historicas; falla do fundador e do seu Diario, dos encarregados da sua guarda e conservação, dando-nos os principaes topicos biographicos d'elles; diz-nos as preciosidades artisticas que encerra, desde os quadros ou pinturas em madeira e tella da escola gothica, até aos famosos desenhos de Vieira Lusitano; resenha outros objectos de arte e productos naturaes, cita os prejuizos e delapidacões que soffreu a casa, especialmente da parte de um homem, aliás illustrado, D. Fr. Fortunato de São Boaventura; e finalmente dá uma perfeita idéa do que é o edificio e do valor do que n'elle se guarda. O outro opusculo trata dos *Comentos de freiras, 1.ª parte; Paraizo, Santa Clara e S. Bento*, n'este descreve os sitios do seu assento, e o horizonte que d'este ultimo se gosa; falla dos fundadores e bemfeitores de cada um, indicando as lendas que a respeito da sua fundação se espalharam; regista as legendas que se encontram nas suas principaes sepulturas, dizendo alguma coisa dos personagens a quem se referem; não se esquece de mencionar

os factos historicos que a elles se ligam, como a vida da *Excelente senhora*, a esbulhada rainha de Castella, e mallograda esposa de D. Affonso V, e o facto da morte da abbadessa Joanna Peres e outros; descreve objectos de arte, uns que foram vistos na exposição de arte ornamental, outros que alli se guardam, dando certo desenvolvimento ao capitulo artistico dos azulejos, uma das coisas mais caracteristicas do nosso paiz e que em Evora abunda; assim como outras obras de arte dos diversos periodos artisticos de designações diversas. Não queremos dizer que uma ou outra vez nos não pareçam pouco fundadas as opiniões do auctor, mas em geral, sabe bem, conta facilmente, e vê com prespicacia.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire d'Oliveira; continua com a regularidade costumada a publicação d'este valioso repositório de noticias e elementos importantes, não só para a historia de Lisboa, como do

paiz. Ahi se encontra o importante documento de paginas 133, onde a vereação lembra e pede o cumprimento das estipulações firmadas pelo primeiro Philippe, de serem portuguezes os ministros e officiaes publicos, etc.; outros lavrados para interesse dos povos, como o que manda mudar os ourives da prata para outra rua, pela estreiteza da em que estava, e manda alargar a dos Fornos; veem-se os gastos que se faziam com as visitas e nascimentos dos principes, gratificações e vestiarias que se davam por estes e outros motivos; e até a folia e seus foliões que mandaram a Madrid, para festejar o nascimento do principe com que o rei muito folgou; o longo processo que os continuos intentaram por se lhes não ter dado vestiar, e outras especies curiosas que se encerram nas folhas 10, 11 e 12.

Dánoscar, poema dramático em prosa, original de Manoel Lorenzo d'Ayot, de la Academia Mont-Réal de Toulouse (sic). Madrid. Imprenta de Gabriel Pedraza, calle de las Huertas, 58. 1886. — Dánoscar, o caudilho gallo, sente um vacuo em si, não sabe qual é o seu destino, vae ao bosque de Dis, interroga e sacerdotisa, que lhe diz que o facho do seu destino está apagado perante a eternidade; manda lançar fogo á floresta para a acender, ardendo o idolo; aprisionou Sigfrido, e como é amante da donzella christã Amalia, por quem enlouquece de amor, manda-o matar. Pede a Amalia de joelhos o coração, e como esta responde ser impossivel, mata-a, arranca-lho, absorve-o, acha que não val a pena tanto desvello por tão amargo bocado, e cae desfallecido.

ERRATA

No artigo — José Gomes Góes — no numero antecedente, a pag. 230, col. 2.ª, lin. 70 e col. 3.ª, lin. 12, onde se lê *aula de diplomacia*, lê-se *aula de diplomacia*.

Para 1887

Almanach illustrado do Occidente

6.º anno de publicação

Está no prelo e sahirá brevemente a publico. Desde já se recebem encomendas, na *Empreza do Occidente*.

Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. ELZEVIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.